

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

C. M. B.
BIBLIOTECA

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro, 39 - Ric

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

Jornal de um correspondente da Guerra civil em Espanha

Por P. J. A.

DOMINGO, 16—D. Alberto tem o valor de um símbolo. Ele é bem o tipo do espanhol fanfarrão e medroso—a arrogância de um D. Quixote com a intrepidez de um Sancho Pança.

D. Alberto não me quis acompanhar até Mérida. Alegou razões.

O verdadeiro motivo não o disse, mas eu adivinhei-o. D. Alberto teve medo.

Anteontem, na minha viagem de regresso a Sevilha, para assistir à cerimónia da mudança da bandeira e à procissão da Virgem de los Reys, à passagem para Fuentes de Cantos, inquirei da verdade do feito que D. Alberto me contara—os marxistas que o tinham atacado na estrada e que ele matara.

Pessoas da máxima respeitabilidade asseguraram-me que tal se não tinha dado.

(Continua na página 2)

PLENITUDE

Vai alto o dia. O sol a pino ofusca e vibra.
O ar é como de forja. A força nova e pura
Da vida embriaga e exalta. E eu sinto, fibra a fibra,
Avasalhar-me o ser a vontade da cura.

A energia vital que no ventre profundo
Da Terra estuante ofega e penetra as raízes,
Sobe no caule, faz todo galho fecundo
E estala na amplidão das ramadas felizes,

Entra-me como um vinho acre pelas narinas...
Arde-me na garganta... E nas artérias sinto
O bálsamo aromado e quente das resinas
Que vem na exalação de cada terebinto.

O furor de criação dionisíaco estua
No fundo das rechás, no flanco das montanhas,
E eu absorvo-o nos sons, na glória da luz crua
E ouço-o ardente bater dentro em minhas entranhas.

Tenho êxtases de santo... Ânias para a virtude...
Canta em minh'alma absorta um mundo de harmonias.
Vêm-me audácias de herói... Sonho o que jamais pude
—Belo como Davi, forte como Golias...

E neste curto instante em que todo me exalto
De tudo o que não sou, gozo tudo o que invejo,
E nunca o sonho humano assim subiu tão alto
Nem flamejou mais bela a chama do desejo.

E tudo isso me vem de vós, Mãe Natureza!
Vós que cicatrizais minha velha ferida...
Vós que me dais o grande exemplo de beleza
E me dais o divino apetite da vida!

Manuel Bandeira

O MUNDO

DO

JORNAL

NEM todos sabem avaliar e compreender qual a função jornalística para uma ambiência salutar.

Esta função aparentemente banal, solável a olhos semi-cerrados, tem algo de transcendente, só mensurável por uma inteligência aferida na embriogénese dum entusiasmo nascente.

Um jornal de trabalhadores não pode descer, de certo modo, até eles em campo razo; mas sim eles (trabalhadores) é que têm de subir, embora a custo, à própria essência do jornal.

Portanto o espírito do «Boletim Social da Tebe» teve inicialmente e continua a ter essa função geradora, causa máxima e robusta, para valorizar a sua expansão.

O «Boletim Social da Tebe» portanto está dentro da sua ambiência inicial: elevar a cultura do operário e até a daquele que o não é. De outra maneira o «Boletim estagnaria e essa estagnação redundaria no desinteresse e logicamente na morte...

Quando porém afastarem do «Boletim» o espírito que o gerou, a inteligência que o fomentou, a paixão que o germinou, o jornal morrerá.

E morrerá porque não terá à sua frente os princípios salutaros da força propulsora que lhe deu vida, isto é, a árvore secará se a seiva lhe faltar. Quer dizer, a árvore não dará frutos porque lhe faltará o ambiente propício para a sua floração.

Tudo isto são os preliminares para uma série de considerações mais ou menos bem formuladas e que têm de ser postas em equação para se lhes determinar as incógnitas.

(Continua na página 2)

O Bombeiro, gigante do bem

É sempre com entusiasmo que gosto de escrever acerca do valor humanitário do homem simples, filho do trabalho e que, abnegadamente enverga o capacete e o machado e honradamente se dá sem nada receber...

Quantos ignoram os sacrifícios desesperados entre o fogo e a água, os destroços e a morte, que os bombeiros passam para salvarem das inclemências das chamas os haveres daqueles que, nem sempre sabem avaliar o grande altruísmo que vive na alma dos bombeiros.

Eu admiro e respeito o bombeiro pelo alto significado que engloba a sua vida em prol de outras vidas.

Não vou desenhar as trágicas derrocadas, as mortes, o desespero das crianças que, envoltas pelas chamas, parecem adivinhar que o bombeiro não tardará vir em seu auxílio.

Não vou, caros leitores, descrever os tantos episódios que sobejamente conhecem através da imprensa diária. Não! A razão de ser destas linhas descoloridas é fundamentada na ideia sublime de erguer na cidade do Cávado um monumento, que simbolizará eternamente a gratidão de Portugal pelo valor abnegado do bombeiro português.

Barcelos, cidade Rainha, de tradições gloriosas e eternas vai guardar dentro dos seus muros a figura viril e bem nacional do bombeiro português.

Feliz ideia, deste ou daquele (não nos interessará focar nomes) que trouxe a Barcelos a iniciativa de erguer sobre o *barrento solo* o pedaço de bronze, que esculpido por mão de artista, transcenderá no tempo e no espaço, o filho do povo, humilde e desconhecido que, envolto, quantas vezes, de canseiras e cuidados não se priva de caminhar rumo ao fogo na ânsia natural de cumprir o dever...

Barcelos, portanto, pode e deve sentir-se orgulhosa de simbolizar no bronze a figura gigante e heróica do «Bombeiro» que representará, com verdade imorredeira, os bombeiros de Portugal.

EDUARDO

AGRADECIMENTO

O «Boletim Social da Tebe» e o Clube Desportivo da Tebe expressam publicamente os seus agradecimentos ao Snr. Campos Henriques, gerente da TEBE, pela maneira carinhosa e inteligente com que sempre encarou os problemas que se ligavam quer com o Clube quer com o «Boletim».

A DIRECÇÃO CESSANTE

Beethoven

(Continuação da página 8)

Porque este mundo há muito tinha morrido para os seus olhos. Que podia ver o sonhador extasiado quando percorria as ruas turbulentas de Viena e olhava fixamente em



Escultura de Beethoven

frente, os olhos grandes abertos, apenas inspirado pelo mundo das harmonias, único que despertava nele?

Logo que a surdez se declara e depois se agrava, é para ele um tormento horroroso, que provoca uma melancolia profunda.

Um músico privado de ouvir! Pode-se imaginar um pintor cego?

As palavras sem controle,
Lembram granadas perdidas,
As vezes causam desgostos,
Outras vezes deixam f'ridas.

A. B.

O Bom humor ao serviço do «Boletim»

Distracção

— Imagina que me roubaram o porta-moedas que tinha no bolso das calças.

— Mas não sentiste nada quando te meteram a mão no bolso?

— Senti, perfeitamente, mas julguei que era a minha.

No Tribunal

— Você já foi condenado há um ano por ter roubado outro chapéu...

— Então, Snr. Juiz, o outro só me durou 10 meses.

O MUNDO DO JORNAL

(Continuação da página 1)

Um jornal, mesmo dos de trazer por casa, tem de apresentar beleza formal, essência geradora, entusiasmo, ineditismo, algo que prenda e apaixone. O «Boletim Social da Tebe», parece-nos que se apresenta de molde a não envergonhar ninguém... E a sua essência leva qualquer coisa que nos encanta e, portanto, nos prende... A imprensa já lhe tem feito referência e creio bem que sem favor. O «Boletim», embora pequeno no número de folhas e feito nas poucas horas livres da vida profissional, é bem uma mensagem de arte, cultura e divulgação...

O que representará para muitos o trabalho do «Boletim»?... Alguns, não muitos, acreditamos que saibam fazer justiça a quem o dirige; outros, porém, alheios ao volume de cultura, de arte, de criação até, que é necessário ter-se, pensam que o jornal é apenas o fruto de 5 minutos por dia. Puro engano! Aí é que está o engano!...

O jornal, mesmo feito nas horas vagas, que não devem ser bastantes, comporta um volume de responsabilidades que, quantas vezes, em vez de serem toleradas, são mal compreendidas.

Se perguntarmos rapidamente o que pensam muitos operários acerca do trabalho que é necessário dispender-se na organização dum jornal, não poderão responder prontamente com precisão. Para isso era mister que, cada um, pudesse penetrar no mundo das palavras.

O jornal não é só feito de papel e artigos, de anúncios e gravuras, não! O jornal leva a alma, o espírito, daquele que, voluntariamente a ele se dá. Um jornal é uma espécie de continuação do seu criador... porque no jornal aparecem as suas palavras, os seus pensamentos, os seus anseios, as suas contrariedades, as suas dores... e, quantas vezes, o cenário da incompreensão dum mundo totalmente materializado.

É assim a função jornalística no nosso limitado sector. E tem de englobar em si determinadas fórmulas, que vão desde o plano de valorização de artigos, com assuntos novos e palpitantes, até à sua entrada para a máquina.

A parte espiritual vai ser materializada, mecanizada... até à sua completa impressão.

Antes porém do jornal ser impresso completamente, os artigos carecem de revisão, feita, quantas vezes, em cima do joelho, a correr, porque os tipógrafos estão à espera e o jornal é feito em condições determinadas a essas exigências...

Enfim, antes do jornal sair, quantas alegrias e tristezas se misturam... É uma gralha que sai, é uma palavra que deixamos de rever... é, eu sei lá bem, um mundo de coisas a que os nossos nervos e sentidos já se habituaram.

Mas o jornal, grande ou pequeno, rico ou pobre, luxuoso ou modesto, tem, por força da sua própria função, de ter alguém à frente dele que para ele viva e não viva totalmente dele... No caso do «Boletim» todos vivem para ele dentro das horas livres da vida profissional...

O entusiasmo é o grande factor do jornalismo... Saber encarar as injustiças, a maldade, as críticas dos que não são críticos e as afrontas... eis meio caminho andado... O resto... sim! o resto virá depois...

Depois de impresso o jornal e lido com atenção é que nós notamos, com tristeza, as gralhas que deixamos ou deixaram passar... É assim a vida dos jornalistas...

E o jornal já anda na rua; uns dizem bem, outros mal; mas ele lá vai seguindo a sua rota...

E a completar o cenário, passado nos bastidores de 4 paredes, são os anúncios, a cobrança, as devoluções, etc., etc... um mundo de coisas que deviam ser feitas hoje, mas que têm de ficar para amanhã...

E o jornal já anda na rua, levando a cada lar um pouco de pão espiritual, que também ajuda a olhar o futuro com mais optimismo e alegria...

É assim, caros leitores, a vida do jornal e dos jornalistas!

W.

Talvez não saiba ou se não lembre:

- Que o filme CHAIMITE é de Jorge Brun do Canto.
- Que Lopes Graça ganhou pela terceira vez o prémio do Círculo de Cultura Musical de 1952 no valor de Escudos 5.000\$00. A obra a apresentar para piano era uma sonata.

Jornal de um correspondente da Guerra civil em Espanha

(Continuação da página 1)

Já o suspeitava. Os marxistas não surgem assim em pleno dia, à porta das povoações, para atacar cidadãos pacíficos como D. Alberto.

Ontem, encontrei-o.

Estava num grupo de raparigas e, com ar muito seu, perguntou:

— Então como correu lá isso por Mérida?

Eu, modesto, descrevi em poucas palavras o bombardeamento aéreo.

D. Alberto desdenhou desses bombardeamentos.

Ele passara umas horas do diabo, fazendo guarda numas serras em que, se fossemos a acreditá-lo, havia mais comunistas que pedras...

— Pois é verdade, isso dos aviões é uma brincadeira. Agora de noite, na serra...

Este D. Alberto vale dinheiro... Ao «seu feito heróico», ao famoso ataque na estrada, o António, o meu «chauffeur» sevilhano, deu-lhe este título pomposo: «A célebre batalha de Fuentes de Cantos».

Pobre Alberto.

Ninguém diga o que não sabe
Nem afirme o que não viu
Qualquer de nós escorrega
Na palavra que fugiu

A. B.

Secretariado Nacional de Informação

O PLANO DE FOMENTO

Conferências ministeriais inauguradas pelo Presidente do Conselho em 28-V-1953

Do SNI recebemos além doutros trabalhos, a que nos referiremos oportunamente, o «PLANO DE FOMENTO» que é, como dizer, a série de conferências proferidas pelos diferentes ministros, cabendo a honra da abertura a sua Excelência o Presidente do Conselho. Nessa conferência, Salazar, giza os princípios do plano, seguidamente põe em equação a base financeira do plano, a base metropolitana e ultramarina da Economia Nacional, Capitais nacionais e estrangeiros para execução do plano-Integração dos últimos na Economia Nacional, a Indústria e a Agricultura no plano e a Iniciativa Privada.

Na 2.ª parte do seu trabalho o Presidente do Conselho prossegue, pondo em relevo a paz externa, estabilidade económica, disciplina administrativa.

As conferências que se seguem são da autoria do Ministro da Economia, a que versa «A Electricidade no Plano de Fomento»; do ministro das Comunicações a que versa «As Comunicações e o Plano de Fomento»; a do Ministro do Ultramar a que versa «O Plano de Fomento no Ultramar» — Aproveitamento de Recursos e Povoamento.

Seguem-se outras conferências a que oportunamente faremos referência.

Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria Têxtil

(Continuação da página 5)

Artigo 25.º—Se as entidades encarregadas de pagar o abono de família forem empresas contribuintes da Caixa, competir-lhes-á arrecadar as contribuições dos respectivos empregados ou assalariados juntamente com as próprias e pagar os abonos de família conforme as instruções da Caixa.

Artigo 26.º—O Presidente da Direcção passará, em nome da Caixa, às entidades patronais incumbidas do pagamento do abono de família, procuração para levantarem as quantias depositadas referentes aos sócios efectivos e contribuintes da região em que as mesmas entidades tiverem incumbido de pagar o abono do família.

§ único—Se tal se julgar mais conveniente, deverá a Direcção, mediante autorização do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, estabelecer que os depósitos se façam à ordem das entidades patronais incumbidas de pagar o abono de família ou determinar que as contribuições dos sócios efectivos e contribuintes sejam directamente entregues às mesmas entidades.

Artigo 27.º—A Caixa abrirá às empresas ou organismos corporativos a quem tiver confiado o pagamento do abono de família, conta-corrente que deverá ser encerrada, pelo menos, trimestralmente.

Artigo 28.º—Os beneficiários que prestem declarações falsas ou incompletas no preenchimento dos respectivos boletins ou nos documentos que subscrevem para prova do direito ao abono de outro empregado ou assalariado, ou, ainda, tentem directa ou indirectamente prejudicar a Caixa Sindical, serão obrigados a restituir as importâncias indevidamente pagas e incorrerão nas penalidades determinadas no Capítulo VIII do Regulamento da Caixa Sindical, independentemente de outro procedimento perante os tribunais competentes.

Artigo 29.º—A resolução das dúvidas suscitadas na execução do presente Regulamento incumbe ao Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social.

FIM

Anuncie no nosso «Boletim»
Anunciar neste «Boletim» é ter a certeza de saber fazer valer os seus artigos.

Vilas Boas & Irmão, L.^{da}

Uma casa moderna ao serviço da elegância e da moda

SEMPRE PADRÕES ORIGINAIS

PREÇOS CONVITATIVOS VENDE BARATO PARA VENDER OMUIT

Tem alfaiate privativo de corte impecável

Em BARCELOS — (Em frente ao Banco Nacional Ultramarino)

António Augusto da Silva

No passado dia 10 do corrente realizou-se o casamento do nosso camarada de trabalho, António Augusto da Silva com a menina D. Pepita A. Mestre.

A cerimónia religiosa foi feita pelo reverendo Padre João Pereira Linhares.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, a Snr.^a D. Maria F. Leiras e o Sr. D. Manuel Lever Mestre e por parte do noivo, a Sr.^a D. Generosa Campos Henriques e seu marido, o Snr. Mário Campos Henriques, sócio-gerente da TEBE.

O «Boletim Social da Tebe» faz verdadeiros votos para que o novo lar cristão receba as bênçãos de Deus na longa caminhada da vida...

«Boletim Social da TEBE»

deve ser lido pelas pessoas de bom gosto.

António Carlos

Este nosso prezado amigo e conterrâneo foi galardoado com a terceira medalha em aquarela pelo Salão de Inverno.

Ao distinto Artista «Boletim Social da Tebe» envia o seu cartão de felicitações.



Um nome ao serviço de

Portugal

MÓVEIS TELES

BARCELOS

Uma casa de bons móveis, lindíssimos estilos, preços sem competência

MANUEL DA COSTA FERREIRA TELES

SERVE BEM PARA SERVIR SEMPRE

Móveis Teles na Avenida Dr. Oliveira Salazar

Clube Desportivo da Tebe

ESTATUTOS

CAPÍTULO 1.º

Denominação, fins e composição

Art.º 1.º—Os Estatutos presentes regularão a agremiação desportiva em rubrica, de re-reio, educação física e cultura geral, cuja finalidade visa o desenvolvimento físico-intelectual dos seus associados, bem como a propaganda da TEBE (Empresa Têxtil de Barcelos, Ld.^a).

Art.º 2.º—A sede deste aglomerado desportivo será na cidade de Barcelos, concelho do mesmo nome, distrito de Braga.

Art.º 3.º—A sua denominação será «CLUBE DESPORTIVO DA TEBE».

Art.º 4.º—O Clube admitirá quatro classes de sócios:

- sócios activos
- sócios auxiliares
- sócios beneméritos
- sócios honorários.

Art.º 5.º—São sócios activos todos os que exercerem actividade no desenvolvimento dos fins discriminados no art.º 1.º.

Art.º 6.º—São sócios auxiliares todos os que tomarem parte nos diferentes ramos desportivo-culturais.

Art.º 7.º—São considerados sócios beneméritos aqueles que, em consequência dos relevantes serviços dispendidos ao clube, forem assim eleitos pela Assembleia Geral, ou os que concederem uma dádiva nunca inferior a Escudos 250\$00 (duzentos e cinquenta escudos).

Art.º 8.º—São sócios honorários todos aqueles que, por relevantes serviços dispendidos com o clube, forem eleitos pela direcção e unânimemente proclamados pela assembleia geral.

(continua)

INICIAÇÃO GEOGRÁFICA

Pelo DR. DOMINGOS DE FIGUEIREDO

(Continuação do número 5)

Acontece, por vezes, que a geografia estuda vários factos que são do seu domínio, não debaixo do seu aspecto geral, mas sim para um fim determinado.

É o que se chama *geografia aplicada*, a qual toma designações diferentes, segundo o objecto de que se ocupa.

Assim dizemos *geografia escolar*, *geografia militar* e *geografia médica*, se respectivamente a ciência geográfica fizer o estudo de assuntos relativos à instrução, ao exército ou à medicina.

Finalmente se a ciência que estudamos se ocupar de um determinado assunto para, entre dois povos, por exemplo, fazer o seu confronto, notando as suas semelhanças ou os seus contrastes, recebe então o nome de *geografia comparada*.

3—Utilidade de Geografia

Diz Gabriel Compayré, ilustre inspector geral da instrução pública, em França, que, se a história é, por assim dizer, a alma da pátria, a geografia é o seu corpo.

Ela ensina, continua o mesmo autor, a conhecer o território da pátria fazendo-a amar, indica as fronteiras que se perderam ou se conservaram, faz ganhar afeição à terra em que se nasceu, mostrando também as suas belezas, o seu clima, as suas riquezas naturais, etc.

Assim, a geografia tem uma feição patriótica.

Mas ainda a ciência geográfica tem valor, principalmente, pela sua utilidade prática.

Dá-nos os conhecimentos necessários de que carecemos, por exemplo, para a nossa acção comercial e industrial, ora dizendo-nos quais os principais centros comerciais aonde podemos com maior lucro fazer a colocação dos diversos produtos, ora ilucidando-nos quanto aos lugares aonde conseguire-

mos, com maior vantagem e em melhores condições, os materiais que precisamos aproveitar para o aperfeiçoamento das nossas indústrias.

É, pois, utilíssimo para todos o conhecimento desta ciência, sendo de excepcional importância para o comerciante, para o industrial, para o político, para o marítimo e para o viajante a quem fornece inestimáveis ensinamentos.

«A geografia estuda os diversos povos que habitam no globo, os estados que eles formam, as povoações mais importantes, as riquezas agrícolas e industriais e, ainda, as vias de comunicação cuja abundância é, sem dúvida, um dos factores que mais concorrem para a prosperidade de um país.

Para os povos em cuja esfera de actividade entra a exploração de domínios ultramarinos, como connosco sucede, convém ainda tomar em consideração que a *inteligência colonial* é, em grande parte, uma aplicação da inteligência geográfica, pois que não se pode aproveitar uma região sem bem a conhecer».

(Continua)

PÁGINA FEMININA

Santa Joana ANO MARIANO

NÃO faltam na História de Portugal exemplos altos de mulheres, que se notabilizaram pelo seu patriotismo, pela virtude, pela bondade, pelo amor às artes e às letras, pela educação que deram aos filhos. Muitos são os exemplos de que reza a história e muitas são aquelas também que a Igreja elevou aos seus altares. Duma destas vamos hoje falar: a Princesa Santa Joana!...

Filha de reis, estava esta princezinha destinada a gozar as delícias duma vida de conforto, de luxo, de pompa. Um lugar de relevo ao lado dum príncipe reinante, esperava talvez esta loura descendente da casa real portuguesa.

Desde tenra idade porém a sua alma se entregara completamente a Deus, e aspirava com ansiedade a realização completa do seu sonho: professar, mas professar na ordem que mais sacrifícios e renúncias lhe exigisse. Contrariada nos seus desígnios pelo pai e especialmente, pelo irmão, o futuro D. João II, pacientemente, com constância e firmeza de carácter, aguardou a autorização necessária para poder ingressar no Convento de Jesus, em Aveiro. Enquanto viveu na corte, porém, embora rodeada de toda a pompa, já os seus contemporâneos a admiravam como criatura sobrenatural, pela sua bondade e amor aos pobres e aos desamparados.

Tinha vinte e três anos quando D. Afonso V a acompanhou a Aveiro, onde ficaria para sempre recolhida, como a mais humilde serva, a rica e nobre princesa da Casa de Aviz, que logo tomou o hábito de noviça. A saúde débil nunca lhe permitiu professar, mas a sua vida foi um exemplo de sacrifícios, de fé ardente, de amor acrisolado ao Senhor.

Aí viveu até aos 38 anos, sem que nada a distinguisse das outras freiras a não ser o desejo ardente de a todas elas ser superior em sacrifícios e renúncias.

Contam os historiadores que já em vida da princesa, muitos casos singulares tinham sido observados pelos seus contemporâneos, envolvendo assim D. Joana, numa auréola de santidade. Logo após a sua morte porém, conta-se um grande prodígio. Quando

as freiras levando a princesa atravessavam o jardim, que ela sempre cuidara amorosamente, as flores, as folhas e os frutos, caíram por terra, talvez saudosos e inconsoláveis, com tão grande perda.

Santa Joana repousa, beatificada pelo Papa Inocência XII em 4 de Abril de 1693, no seu túmulo em Aveiro, maravilhosa construção de mármore trabalhado, que ainda hoje nos surpreende pela sua delicada beleza.

M. L.

A Igreja Católica vai este ano celebrar com grande brilho, o Ano Mariano. Será um ano de graças excepcionais para todos aqueles que saibam cumprir com fervor as imposições necessárias à obtenção dessas graças. Mas o Ideal será que este ano seja um ano de completa renovação espiritual, pela transformação de muitos dos nossos costumes tão pouco escrupulosos.

Seria ideal que muitas raparigas portuguesas mudas-

sem um pouco o rumo à sua vida tão apegada a luxos, a frivolidades, a prazeres sensuais. Seria ideal que as nossas raparigas pudessem atravessar sempre as ruas de cabeça erguida, altivamente, sem consciências perturbadas, sem olhos baixos, de coração oprimido, receosas pelas consequências de actos pouco dignos; seria Ideal que as nossas raparigas aprendessem este ano a impor-se, a fazerem-se respeitar por aqueles a quem amanhã hão-de dar toda a sua vida alegremente; seria ideal que as raparigas apreciassem devidamente a sua mocidade, a sua saúde, a sua beleza, e a não desperdiçassem inútilmente ante promessas enganadoras e falsas ou ante ambições desmedidas de luxos impróprios. Nada há tão belo como a dignidade, que a todos se impõe. Mas dignidade é uma altivez natural, uma serenidade sem artifícios, própria duma conduta irrepreensível. Dignidade, não é pretensão estúpida, vaidade tola e injustificada.

As nossas raparigas devem ter vaidade em merecer o respeito dos que as cercam, em merecer o carinho de quem as aprecia, e a amizade de todos com quem elas privam.

As raparigas que trabalham merecem admiração pois não se poupam a sacrifícios para contribuirem com o seu auxílio, para um maior conforto da família. Estas raparigas, porém, correm graves riscos, quando a sua formação moral é insuficiente para fazer frente corajosamente a tantos e tão grandes perigos que por vezes as cercam. Os olhos abrem-se-lhes deslumbrados ante regalias e confortos das classes superiores e no coração nasce-lhe um desejo enorme e uma ansia natural de também irem experimentando o que a vida lhes não tinha destinado, por condição de nascimento pobre. A luta por vezes é grande e nem sempre é a razão, a consciência ou o coração que vencem, mas sim a vaidade e os instintos mal refreados. É necessário pois que as nossas raparigas tenham a coragem de viver a sua própria vida e não uma vida artificial cheia de enfeites falsos, que o tempo acabará por destruir. É preciso que as raparigas, tenham um Ideal

Fábrica Barcelense

DE

João Duarte & C.^a L.^{da}

é a fábrica do bom gosto ao serviço dum Portugal maior

As peças desta casa têm um acabamento inconfundível

O INFANTE

Deus quiere, o homem sonha, a obra nasce.

Deus quiz que a terra fosse toda uma,

Que o mar unisse, já não separasse.

Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,

Clareou, correndo, até ao fim do mundo,

E viu-se a terra inteira, de repente,

Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou creou-te português.

Do mar e nós em ti nos deu sinal.

Cumriu-se o Mar, e o Império se desfez.

Senhor, falta cumprir-se Portugal.

FERNANDO PESSOA

A SERRA DA ESTRELA

A Serra da Estrela, pináculo maravilhoso e sublime é um canto de sonho nesta quadra do ano.

A neve branquinha e pura atapeta-a, numa sinfonia clara, luminosa, quase fosforescente de luz.

A natureza foi bem pródiga para ela... Sim a ESTRELA quadro aberto de belezas e encantos parece dominar a terra toda.

De lá, do cimo da sua cúpula, pode o turista mais exigente descortinar paisagens dignas da paleta e do pincel do artista mais exímio.

A natureza continua a ser pródiga para a serra. Reparem nesta fotografia, de tôncas pedras que a natureza amontuou, dando a ideia duma cabeça. E assim estes rochedos são conhecidos pelo «CABEÇA DA VELHA»... Parece que a poesia escorre desses rochedos, numa sinfonia de neve. Encanta-nos e extasia-nos este monte de pedras tão fora do vulgar, tão arriscadamente caprichoso e sublime.

É A POESIA DA SERRA DA ESTRELA, donde Viriato começou a cimentar os alicerces que iriam, mais tarde, suportar com este tor-

rão sagrado que do Minho ao Algarve, do Algarve à África e de lá até à Índia se chama Portugal.

É ainda a Serra da Estrela, gritante de neve, escorregadia de sonho, a pista mais propícia e mais pródiga para os desportos de inverno.

E toda ela, esta serra altaneira, tem a beijar-lhe os pés uma população laboriosa e sã, hospitaleira e boa... a boa gente da BEIRA SERRA... a humilde gente dos pastores, que olha e sente, sofre e sonha, canta e reza.

E o seu clima, o melhor de Portugal, por seco e bom é salutar para os pulmões e para as almas.

Está-se mais pertinho do céu... e o nosso olhar perde-se na miragem de dois infinitos: o da terra, que se esconde ao longe e do céu, do céu sem fim.

A Serra da Estrela é bem um poema de pedra e de neve, salpicada de giesta e musgo, na vetustez inconfundível da natureza mãe.

A. B.

Fábrica de Malhas do Ameal, L.^{da}

As meias de NYLON e seda que a mulher distingue são exclusivo desta fábrica modelar

Bom gosto, distinção, e esmerado acabamento são o atributo destas meias de grande duração.

do seu grupo preferido do que lêr os «Lusíadas» de Camões, ou as obras imortais de Herculano, Camilo, Eça e tantos outros grandes vultos da nossa literatura, cujas obras valem bem pelos ensinamentos que delas se acolhem, a «maçada de serem lidas», perdoem-nos a expressão.

Poderíamos ainda referir-nos ao abandono a que foram votadas a música, a pintura e tantas outras manifestações artísticas,

infelizmente tão pouco apreciadas. Alega-se que não estão ao alcance de todas as bolsas; estamos de acordo, e por isso mesmo citamos os livros, pois a sua consulta numa biblioteca é coisa que está ao alcance de todos por ser gratuita.

Não queremos de forma alguma com este reparo preconizar o abandono do desporto, pois sempre fomos e seremos seus adeptos fervorosos, mas não são

Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria Têxtil

(Continuação do número 4)

Artigo 22.º—Para a realização dos seus fins a Caixa pode utilizar os serviços dos organismos corporativos e de previdência social, os das empresas e a cooperação dos Serviços do Estado.

Artigo 23.º—A Caixa pode confiar às entidades abrangidas por ela o pagamento dos abonos de família, observando-se, na falta de Regulamento especial, o disposto nos artigos seguintes.

Artigo 24.º—São da competência da Caixa todas as questões relativas aos direitos e deveres dos sócios contribuintes e efectivos, designadamente o reconhecimento do direito ao abono de família e a sua modificação ou extinção e a aplicação de penalidades.

§ 1.º—As entidades que se houverem incumbido de pagar o abono de família comunicarão à Caixa, em prazo não superior a 10 dias, todos os factos de que tenham conhecimento e que possam alterar a situação jurídica dos sócios; a Direcção da Caixa informará as mesmas entidades, em igual prazo, de todas as modificações que hajam ocorrido nos direitos ou deveres dos sócios.

§ 2.º—As entidades que se houverem incumbido de pagar o abono de família e os membros da Direcção que não cumprirem o disposto no parágrafo anterior, responderão por todos os prejuízos que desse facto resultarem para a Caixa.

§ 3.º—No caso de falta de pagamento de abonos de família por parte das entidades que dele se encarregarem, será a Caixa a responsável para com os interessados pelas quantias a que tiverem direito.

(Continua na página 3)

CASA CUNHA

DE

Félix Luís da Cunha

Uma sapataria de gosto distinto ao serviço do bom gosto e comodidade.

Calçar da CASA CUNHA

é calçar bem

toleráveis essas manifestações colectivas de idolatria que erguem os atletas a um plano de semi-deuses, prejudicial ao desporto em si e aos homens. Há sempre um meio termo, para além do qual tudo o que se fizer é um exagero.

Concedamos aos vencedores as honras que merecem e ajudemo-los a vencer as pugnas com o nosso auxílio entusiástico, mas não esqueçamos também que o nosso espírito precisa de alimento, sem o qual definhará, aproximando cada vez mais o homem dos irracionais.

Esperamos confiantes que o bom senso há-de vencer, voltando cada coisa para o seu lugar. O desporto será um complemento da vida e não a sua preocupação máxima numa obcecção constante e doentia.

X.

alto a mortear os seus passos. É necessário que elas saibam sentir-se felizes com a paz da consciência, embora pobres e simples no viver, e não busquem avidamente a felicidade em satisfazer caprichos ou gozar confortos, que lhe carreguem de sombras a alma e de rugas de preocupações a fronte.

Tanta rapariga que vive erradamente e tanta que não sabe discernir com nitidez onde estará a verdadeira felicidade e nessa dúvida vai vivendo cambaleante, indecisa. É necessário pois formar uma sólida consciência moral e uma vontade forte e enérgica, para dar um rumo certo à existência. É necessário, raparigas, que mediteis, neste ano, em que se quer fazer reviver a pureza de costumes, que a vida será bela para quem a souber viver com rectidão. Acreditai que nem os muitos trabalhos, as grandes canseiras, a escassez de meios vos farão curvar envelhecidas como o remorso dos passos mal dados, conscientemente.

É necessário encher a vossa alma de grandes ambições por uma existência recta; é preciso que podeis respirar sempre livremente, embora num ambiente modesto. Deveis convencer-vos que só tendes liberdade para praticar o Bem.

A graça da mulher, os seus encantos são apenas os perfumes que rescendem da Virgínia.

L. M.

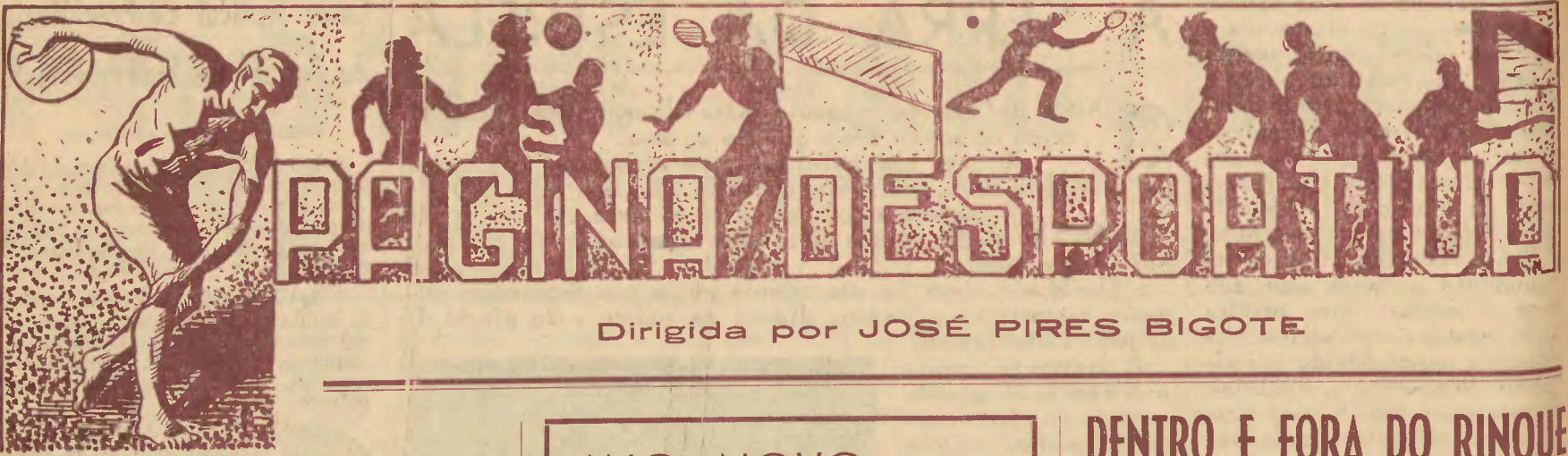
A IDOLATRIA DO DESPORTO

PARECERÁ à primeira vista descabido que num jornal de indole desportiva, se foque um problema, em que ninguém parece reparar, apesar das porções alarmantes que atinge. Parece descabido, dizíamos nós, mas na realidade não é, até porque quem anda mais imiscuído na vida desportiva o observa sob todos os aspectos, podendo portanto fazer acerca dele uma melhor apreciação.

A idolatria cega do desporto é sem dúvida um dos males mais em voga na mocidade de hoje. O desporto é o rei das multidões, e que só ele consegue fazer vibrar.

Vão-se pouco a pouco abandonando os caminhos do espírito, e já é raro que algum jovem do nosso tempo se interesse pela sua cultura geral, antes, pelo contrário, a atrofia, deixando perder algo, tão precioso como um tesouro que jamais devia ser esbanjado, mas sim conservado e aumentado.

Os livros dos grandes Mestres da literatura permanecem ignorados da maioria, que acha mais cómodo decorar as linhas



PAGINA DESPORTIVA

Dirigida por JOSÉ PIRES BIGOTE

O Oquei do mês

O último jogo da Taça Turismo, em que devíamos defrontar o Vitória de Guimarães, não se realizou por falta de comparência do adversário.

A actividade do nosso grupo limitou-se apenas a um desafio particular, entre as equipas A e B, numa festa de despedida ao nosso atleta Luís Pombo, que brevemente nos deixa, por fixar residência em África.

As equipas alinharam: **A** — Sebastião, Veloso, Querido, Carvalho, Matos. **B** — João, Pedras, Pombo, Abílio e Cibrão.

Arbitrou rasoavelmente o Snr. Manuel Sousa, terminando o encontro com a vitória da equipa A pela margem elevada de 13-6.



Big

NOVA DIRECÇÃO NO

Clube Desportivo da TEBE

A Assembleia Geral deste Clube na sua última reunião elegeu nova Direcção para gerir os destinos da colectividade no ano de 1954.

Desejamos-lhe sinceramente boa sorte e que defendam sempre os interesses do Clube com amor e dedicação para um maior engrandecimento do mesmo.

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

O Gil Vicente foi a Viseu perder por 3-1. O jogo foi movimentado, tendo o Gil jogado em nível superior. Os academistas jogaram com dureza demasiada, sendo o resultado injusto.

— Numa tarde infeliz do guardião gilista, que auxiliou com a sua exibição o Desportivo de Chaves, o Gil averbou mais um empate a 5 bolas.

Há que salientar o esforço da avançada barcelense, que apesar de estar a perder por 5-3 conseguiu a igualdade, só não ganhando no último minuto por manifesta infelicidade.

— O Oliveirense perdeu em Barcelos dois pontos preciosos, ficando vencido por 2-1.

Novamente a falta de sorte (será este o motivo?) impediu uma vitória mais volumosa.

O Oliveirense marcou primeiro tentando depois defender a escassa margem obtida,

ANO NOVO... VIDA NOVA...

MAIS um ano que começa, despontando dentro de nós a esperança que seja melhor para a causa oquistá minhota do que o passado. Um campeonato sem interesse pelas desistências verificadas e pelos atropelos cometidos pela entidade superior. Uma apresentação que não conseguiu guindar-se apesar dos seus esforços louváveis à prova máxima do País, e, para remate uma «Taça Turismo» que nem sequer se concluiu, é o resumo verdadeiro das actividades de 1953.

Em Barcelos apenas o Clube Desportivo da Tebe se manteve até final da época.

O Oquei Clube e o Gil Vicente encararam o problema da desistência com uma apatia desconcertante. Não está certo que adormecem assim dois Clubes, com alguns valores que são de aproveitar e cultivar.

Daqui lançamos um apelo à massa associativa para que este ano despertem a chama oquistá, que afinal acenderam pela primeira vez em Barcelos. Não é justo, repetimos, que se imobilizem jogadores e material apenas porque surgiram algumas dificuldades.

Parar é morrer e sinal de falta de energia e amor à causa que defendemos. Os dois Clubes têm valores com energia e dedicação suficientes para os levantarem, sendo preciso chamá-los à realidade e fazer despertar neles essas qualidades latentes.

Que dentro em breve entrem em actividade são os nossos mais sinceros desejos.

Pires Bigote

sendo essa talvez a razão da derrota sofrida. Depois do 2.º golo o domínio dos gilistas foi completo, mas o resultado não se modificou.

— Porque os ovos-moles amoleceram as energias, ou por influência do já conhecido estribilho: *Fomos infelizes*, o Gil Vicente só perdeu em Aveiro por 6-1.

Os adeptos que lá se deslocaram tiveram sorte pois... deram um magnífico passeio.

Do jogo nada diremos porque foi uma jornada que deve ser esquecida.

Pelo passeio gostaríamos de voltar a Aveiro.

— Estamos a poucas jornadas do final e as perspectivas são sombrias. Um Gil, que no princípio nos deu a impressão duma equipa valorosa, parece-nos desfalecido.

Os resultados obtidos não nos dão uma ideia de que a equipa se queira reabilitar dos desaires sofridos.

Há que remediar o mal, e urgentemente, pois o campeonato está no fim e a posição do Gil depende dos resultados dos encontros a efectuar.

Pê Efe

Visado pela Comissão de Censura

DENTRO E FORA DO RINQUE

O Minho com menos um Clube

O Clube Desportivo da Póvoa, a seu pedido, passa na próxima época a disputar as provas da Associação de P. do Norte.

O Desportivo da Póvoa viu assim satisfeita a sua aspiração, passando para a Associação que lhe competia, mas a sua falta, no Minho, vai fazer-se sentir, pois era um dos Clubes que mais animava as provas disputadas.

Que continue a marcar presença agradável são os nossos votos.

Oquei Clube de Barcelos

Vai reunir em Assembleia Geral o Oquei Clube de Barcelos para escolher os corpos gerentes do ano corrente.

Não tem sido feliz nas Direcções que tem escolhido, porquanto verifica-se que apenas dois ou três elementos trabalham pelo Clube, sacrificando ingloriamente o seu esforço. É necessário, portanto, que a nova Direcção eleita saiba na realidade compreender que o Clube tem de ser amparado e guiado, para que não desapareça, como tudo parece indicar que venha a acontecer.

Associação de Patinagem do Minho

Foi eleita, em Assembleia Geral, no dia 9 de Janeiro a nova Direcção da A. P. M. que vai iniciar os seus trabalhos com vistas à época que se aproxima.

Todos os eleitos são pessoas que têm dado o seu melhor esforço à modalidade, e assim acreditamos que desta vez a A. P. M. a orientará a contento de todos.

Golpe Livre

CORPOS GERENTES DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

PARA 1954

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente — José da Silva Freitas
Vice-Presidente — Francisco José Faria Torres
1.º Secretário — Mário da Silva Freitas
2.º Secretário — João Dias Figueiredo

DIRECÇÃO

Presidente — Joaquim Rodrigues
Vice-Presidente — Armando Alberto Azevedo Coutinho
Secretário — João Cândido da Silva
Tesoureiro — Manuel Augusto da Silva Pereira
Vogal — Manfredo Arnaldo da Conceição Silva

CONSELHO FISCAL

Presidente — José de Azevedo Lopes
Secretário — Manuel Evangelista Terroso Lima
Vogal — Jorge Nunes

A/B B. A. HJORTH & C.º — fábrica «PRIMUS»

STOCKHOLM — SUÉCIA



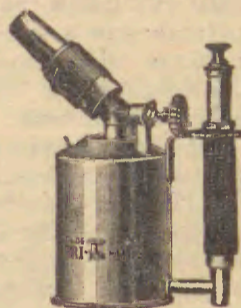
« PRIMUS »

Marca mundialmente conhecida dos fogareiros, lanternas, maçaricos, de funcionamento a petróleo, gasolina, álcool, para

**AQUECIMENTO
ILUMINAÇÃO
E INDÚSTRIA**

« B A H C O »

É a marca das chaves e ferramentas de grande classe, para automóveis : : e outros fins industriais : :



AGENTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL

Vilas & Vilas

Telefone 2 2346 ■ Telegramas «STOVES» ■ Rua 1.º de Dezembro, 45-2.º — LISBOA

TEBE — Um nome ao serviço de Portugal

PAINEL PUBLICITÁRIO

ESTES ANÚNCIOS NÃO PODEM SER REPETIDOS NOUTRA QUALQUER PUBLICAÇÃO

Sapataria Cunha

A Sapataria distinta que serve um público distinto a preços sem concorrência.

Calçar da **SAPATARIA CUNHA** é saber calçar... porque calçará bem.

Em **BARCELOS** — no Largo da Calçada

A Casa do Café,

tem um sortido finíssimo e esmerado de especiarias e outros artigos congêneres.

O café da **CASA DO CAFÉ** tem um paladar que fica.

É aromático e bom. Abençoado café.

RUA D. ANTÓNIO BARROSO

A cinta TEBE



é a elegância personificada

Ourivesaria da Póvoa

Do bom gosto ninguém zomba... Oiro em casa é um tesouro... No «Alfredo Pinto Lomba» Troca o dinheiro por oiro.

As malhas TEBE são padrões de beleza.

Impõem-se pela riqueza dos seus produtos manufacturados e pela perfeição do seu corte.

O acabamento não tem rival. Preferi-las é saber escolher.

SAMETIL — Um medicamento ao serviço da pele. Para eczemas.



BEETHOVEN

Músico imortal de inspiração divina

LUIZ VAN BEETHOVEN, genial músico alemão, nascido em Bonn, em 1770, legou às gerações futuras obras primas que a sensibilidade humana sabe admirar e respeitar quase religiosamente.

Descendente de músicos e inspirado por Deus, bem cedo se revelou um artista exímio. Já o avô era músico e o pai seguia, também, a mesma vida... A música era o pão material e espiritual desta família de artistas.

Foi Haydn, grande músico austríaco, que burilou de certo modo o gênio criador de Beethoven, dando-lhe alguns ensinamentos técnicos, que o artista depressa, muito depressa assemilou. Mas a figura predominante e que insuflou, de facto, a maior gama artística ao genial músico, foi, indiscutivelmente, Albrechtberger.

A ânsia de perfeição começava a dominar o artista e este, senhor de si mesmo e crente na inspiração que lhe transbordava da alma, vai criando a sua obra... obra inconfundível, maravilhosa, sublime e humanamente sentimental.

Estes adjectivos não definirão jamais toda a sublimidade duma obra que, pelo seu valor e pela sua inspiração—será eterna e eternamente escutada com respeito e amor.

A música é—como alguém disse—a língua universal e, por isso não tem fronteiras nem limites...

Quando Beethoven segue o rumo de Viena não contava talvez encontrar na rota dos seus passos uma vida miserável, deprimentemente miserável, triste, profundamente triste e solitária.

Viena foi a inspiradora do gênio e da desgraça... foi lá que o artista escreveu com os olhos da alma os seus mais maravilhosos trabalhos... e lá também, nessa Viena de sonho e da música, conviveu com a fome, com a dor e com a resignação.

Beethoven legou à posteridade a rota luminosa de espirais de sonho que vão atapetar o caminho do romantismo. Beethoven foi o precursor do romantismo...

E, assim Beethoven imortalizou-se deixando a todas as nações, a todas as gentes, numa palavra, a toda a humanidade as nove SINFONIAS (a última com coro), a MISSA em si menor, os seis concertos para piano, os dezassete quartetos, os Trios, as sonatas para viola e violoncelo, o Septimino, as aberturas de Coriolano, d'Égmond de Leonare, o Bailado de Prometeu, Fidélio, etc., etc.

E depois de tanta maravilha, de tanta beleza ter composto, há uma sombra negra... triste e desoladora a ofuscar-lhe a alegria de viver: a surdez.

E em 1816 o genial, o talentoso, o divino Beethoven encontra-se completamente surdo.

A tristeza escorre-lhe da fronte e as notas musicais parecem entrechocar-se no labirinto desequilibrado dos sentidos.

Sobre Beethoven muito se tem escrito, comentado, adivinhado até; mas a vida de Beethoven, a sua própria essência está, indiscutivelmente, bem patente nas sinfonias que criou e onde a nossa alma se suspende parecendo voar no éter.

A. B.

O que nos diz Richard Wagner pela trad. de Daniel de Sousa

EU creio que o que poderemos conhecer como muito certo, sobre o homem que foi Beethoven, será (na conjectura mais favorável) para Beethoven, músico, o que é o general Bonaparte para a Sinfonia Heróica.

Considerado sob este aspecto da consciência, o grande músico permanecerá sempre para nós um perfeito mistério.

Para resolver este mistério como ele o exige é preciso em todo o caso enveredar por um caminho completamente diferente daquele que nos permitiria seguir, pelo menos até certo ponto, a actividade criadora de Goethe ou de Schiller.

Além disso chegaríamos nós por este cúmulo precisamente ao ponto em que a acção criadora passa do consciente ao inconsciente, isto é, em que o poeta não determina já a forma estética, mas em que esta é determinada pela sua contemplação interior da Ideia.

Ora, é justamente nesta contemplação da Ideia que se encontra a diferença essencial entre o Poeta e o Músico.

Para utilizar os elementos que nos foram fornecidos pelo filósofo (Schopenhauer) especifica que a ideia, provindo do conhecimento de relações, não pode ser considerada como essência de coisa em si, mas somente como explicação do carácter objectivo das coisas, logo da sua aparência.

Saindo da generalidade prossegue:

—O regime da Sonata tinha sido instituído para sempre por Emanuel Bach, Haydn e Mozart.

Ela era o resultado de um compromisso, sob o ponto de vista musical, entre o espírito alemão e o espírito italiano. Devia a sua forma ao fim que lhe tinha apontado: era com uma Sonata que o pianista se apresentava ao

público; e devia ao mesmo tempo deleitar pela virtuosidade e reduzir pelas qualidades musicais da obra. Não se pensava já em Sebastião Bach, reunindo a sua paróquia na igreja perante o órgão, ou lançando num desafio aos entendidos e aos colegas.

Um abismo separava o Mestre prodigioso da fuga, dos profissionais da Sonata.

Com toda a evidência, foi «o espírito alemão» que, no domínio da arte, como noutra qualquer, opôs a sua força regeneradora à artificiosa corrupção do espírito público europeu.

É absolutamente impossível falar da essência própria da música de Beethoven sem cair imediatamente em estado de êxtase.

Tentamos, sob a atitude do filósofo, explicar da maneira mais penetrante o que é a verdadeira essência da música em geral (e isso devia permitir-nos compreender em particular a música de Beethoven). Mas neste domínio, para nos pouparmos uma tarefa impossível, voltar-nos-emos sempre para a personalidade de Beethoven, como para um foco radiante, centro do mundo maravilhoso do qual ele é a origem.

O ouvido era o único órgão pelo qual o mundo exterior tinha ainda alguma acção sobre ele.

(Continua na página 9)



Ludwig van Beethoven